

UM QUADRO, UMA CARTA, UM PAÍS

Sérgio da Fonseca Amaral

Estabelecer o marco da modernidade gera muitas controvérsias. Dependendo do ponto de vista, o mundo moderno teria se originado aquém ou além dos mil e quinhentos, fase costumeiramente classificada de Renascimento,¹ o qual pode ser estendido do século XIII ao século XVII. Para o meu propósito, delimito os mil e quinhentos como origem fundadora, entendendo o Renascimento como a primeira conformação de época moderna. Faço o recorte no século XVI por estar diretamente relacionado com a gênese do Brasil, e por a data representar um momento crucial de mudanças na concepção humana de mundo. Quando se formava a modernidade, a conquista e a invenção da América foi de fundamental importância para que o emergente

1 Embora haja controvérsias a respeito. Ver, por exemplo, a seguinte opinião: “Resumidamente, eu diria que critico o termo ‘Renascimento’ como critiquei o termo ‘Idade Média’. Com efeito, aquilo a que chamamos ‘Renascimento’ é apenas a radicalização brutal de uma série de progressos consumados ao longo dos séculos anteriores. De uma só vez, todos esses progressos, que, por razões e causas múltiplas, se tinham acumulado de maneira bastante secreta e sem entrarem em contacto uns com os outros, começam a interagir subitamente. Isso cria o acontecimento de primeira grandeza a que é costume dar-se o nome de ‘Renascimento’. Talvez fosse mais justo chamar-lhe ‘aparecimento’ ou ‘afloramento’ da modernidade. Porque antes não era o sono. Havia uma vida intensa, de onde resultou, por cristalização brusca, essa forma particularmente original e reveladora.” CHATELET (1993, p. 57).

homem moderno construiu seu tempo e espaço e reordenasse o universo. Dentre as inovações, descobertas e criações do período, podemos destacar a perspectiva, cujo recurso imaginário deu ao homem modernizador uma nova forma de elaborar e observar o espaço, o que faria dele um perscrutador e dominador de todo o globo. Assim como na pintura, o ponto de fuga ficava para além do horizonte. A cada vez maior percepção

abstrata do espaço e do tempo, os quais frutificaram primeiro nas artes e depois nas ciências,² deu condições a tal homem de engendrar e empreender um mundo novo, recombinao-o com o mito da idade do ouro para fazer nascer o *Novo Mundo* e o ciclo das utopias. Depois que as caravelas aqui aportaram, retornaram levando um novo olhar. Sob cada instrumento de observação e medição, em cada assenhoramento das latitudes e das longitudes, encontraremos homens, rompendo não só os espaços dos oceanos mas também a linha do tempo que até então reinava no mundo geocêntrico. O universo moderno, embrionário, abrigando muito do medieval, engendrou os conquistadores de um outro espaço e tempo, que os seduziram a ponto de acharem ter encontrado a geografia do paraíso. A assimetria cultural, temporal e religiosa, porém, levou os europeus, aos poucos, a verem naqueles habitantes os cultuadores do demônio. É no paradoxo de tal encontro que nasce o *Novo Mundo*. E foi na metamorfose da descida dos céus ao abismo dos infernos que houve a transformação de seres adâmicos em legiões de endemoninhados. Assim, a terra que bem poderia ser o paraíso deteve-se perplexa ante o espetáculo da missa, vendo cobrir “as vergonhas” dos seus primevos habitantes, associadas, desde o *Éden*, à nudez do pecado original. Seria o recomeço da origem da expulsão e da exclusão.

2 “Esse conceito de um fluxo de tempo mensurável e independente parece-nos tão natural que é preciso um esforço para nos lembrarmos de que essa é uma invenção bem recente da civilização ocidental. Mil anos atrás, os símbolos métricos de tempo absolutamente não existiam para intervalos de tempo pequenos e eram bastante vagos para os maiores. E não é difícil entender a razão disso. Não importando quão simples e auto-evidente o tempo métrico nos pareça hoje, é realmente um constructo mental complexo e totalmente abstrato, afastado e até contrário a toda a experiência humana, interna e externa. O que para nós agora é evidente foi uma noção revolucionária que fez sua primeira aparição no século XIII e se tornou uma das pedras fundamentais da civilização ocidental. Pois, sem o tempo métrico, a ciência, a tecnologia e a indústria nunca poderiam ter vindo a existir. [...] Foi na teoria e na prática de uma forma musical unicamente ocidental, a música polifônica e suas notações medidas, que o tempo métrico foi inventado, estudado e utilizado pela primeira vez na história.” SZAMOSI (1994, p. 95).

Os resquícios do antigo mundo na Europa aos poucos iam sendo destruídos, desmantelados, desordenados. Ainda nos primórdios, servindo-se dos espólios da conquista, a modernidade bifurcou-se: na Europa, ia cada vez mais acelerando o seu tempo rumo a um futuro paradigmático para o planeta, enquanto no *Novo Mundo*, houve um esforço de acompanhamento, gerando ao norte uma singular simetria e ao sul uma solução de continuidade. O tempo abaixo do equador desacelerou, criando para os herdeiros das sesmarias um incerto sentimento de desterro.

Os navegantes fundadores da modernidade,³ lançando-se ao mar, sabendo, ou não, o que iriam encontrar, jogavam-se na grande aventura de construir e narrar um outro mundo. Estavam eles na ação de mapear uma desconhecida paisagem para fazer desabrochar, moldar, aprofundar um novo tempo. A imagem do paraíso, símbolo da perfeição, terminou por imprimir nas almas modernas o tempo da esperança e a possibilidade de realização edênica na América. Engendrada e movimentada com a renascença, a embrionária modernidade absorveu e transformou heranças das civilizações clássicas, hebraica e medieval e reinterpretou, subjugando, as dos povos pré-colombianos encontrados, gerando a fratura original no interior mesmo do mundo moderno. Decisivamente, o *Novo Mundo* fundiu-se ao *Velho*, envelhecendo-se e renovando-o.

O Brasil, parte da nova paisagem, nascia em plena era de afirmação. Ele seria a outra face da modernidade que estava em vias de iniciar a sedução dos quatro cantos do globo. No princípio, ela apenas viu nele a natureza a ser desbravada, imagem constituída e perdurada por um extensivo tempo. De paraíso encontrado a jardim conquistado foi um curto caminho. A ociosidade adâmica transformou-se e reduziu-se a objeto de cobiça mercantil, levada a cabo pelo sujeito moderno dessacralizado, indivíduo profano para o qual tudo existe para ser convertido em dinheiro. O europeu, ao renomear a terra recém pisada por ele, outorgou-lhe, com isso, o título de propriedade, ocupando, extraindo, expulsando, exterminando na era da modernidade o espaço da inocência. Assim, com *Terra dos Papagaios*, *Ilha de Santa Cruz*, *Terra*

3 “Entretanto, na nossa opinião, os estudiosos não têm dado o merecido peso às grandes descobertas marítimas protagonizadas pelos portugueses e espanhóis nos séculos XV e XVI como um dos fatores de fundamental importância para a eclosão da revolução astronômica, a partir das transformações mentais e culturais que os Descobridores proporcionaram às sociedades européias.” SOARES (1999, p. 15–16).

de Vera Cruz e, finalmente, *Brasil*,⁴ os colonizadores demonstram, com tais batismos da nova terra, um deslizamento de propósitos, evidenciados nas camadas de sentidos soterrados, os quais passam, da natureza selvagem à revelação divina, da miragem do olhar ao domínio da mão, do registro à escritura.

Viajar talvez seja uma atividade tão velha quanto o homem, mas a viagem empreendida pelos navegadores portugueses teve a singularidade de ensinar um mundo novo. Com suas caravelas, naus, astrolábios, bússolas, quadrantes, escolas de Sagres, revelaram a capacidade e soltaram as amarras das possibilidades imaginárias e concretas para o homem reinventar a si mesmo. Ao descobrir e esquadrihar o mundo, o moderno se equiparava a Deus em onisciência. Do tempo circular, preso a um princípio de eterno retorno, o homem moderno recriou o tempo linear voltado para um futuro sem exaustão. As utopias progressivas consolidaram a sua força, localizadas no adiante, no ainda-não. Com a criação de um novo mundo no nascimento da modernidade, o passado foi suplantado no papel de ordenador e convertido em vestígios do que não poderia ser nunca mais. O futuro transformou-se em material palpável da modelagem social. Transfigurou-se em força produtiva, em tempo administrado e em energia canalizadora das sociedades modernas. Mas não só o tempo, também o espaço seria redefinido e tornar-se-ia cada vez mais vasto e estreito, encurtando distâncias e diferenças geográficas. Desde então, o mundo seria planetário, onde cada qual ganharia seus antípodas. E no novo tempo e espaço, os nativos das terras descobertas não teriam muito o que fazer, e, para a visão do europeu, os selvagens representavam somente atraso, ignorância, paganismo e servidão, terreno fértil para a fundamentação do exotismo. Momentos pelo *Novo Mundo* houve de alguns de seus conquistadores pretenderem criar uma sociedade utópica fechada, porém ela própria era uma marca dos tempos modernos e ruiu sob o peso da máquina de extração aurífera e nativa. A fé e a espada juntas chegaram; juntas haveriam de continuar na pilhagem natural.

Conforme Deus ia sendo desalojado de suas esferas celestiais e domiciliado cada vez mais na impalpável alma do indivíduo autônomo, a religiosidade cristã foi tomando um rumo mais ascético e pragmático. Das dobras da Idade

4 Sobre o nome Brasil, remeto para HOLLANDA (1998, p. 174).

Média surgiu outra era, na qual a Igreja exercerá um indispensável papel imaginário. Assim, no século XVI, mais uma força juntar-se-ia à construção do mundo novo. O movimento da Reforma produziria a ética de conduta de afinidades com o homem moderno, cuja origem fomentaria a disciplina da produção industrial. Se no século XVI a Reforma foi produzida por homens em busca da verdadeira interpretação bíblica, enclausurando o indivíduo na alma privada, partícipe das condições prévias fundamentais do mundo moderno, também surgiram pensadores, humanistas e utopistas, procurando alternativas terrenas a partir de uma imaginação que buscava desatar os nós da intolerância, cujo controle alcançava o indivíduo à medida que ele se libertava do estatuto da coletividade. Ao enrijecimento da religião católica, tais forças representaram importantes vetores de imaginário social para a mudança de época. Com o protestante, notadamente o calvinista, e seu ascetismo, afirmava-se o desenvolvimento capitalista;⁵ com a utopia,⁶ produzia-se uma crítica ao mundo moderno nascente. Rejeição fertilizadora do crescimento, e não cavadora da sepultura. A modernidade, assim, desde a origem, engendra o seu contrário com vigor. Deste modo, a Europa dividiu-se. Com a Contra-Reforma instaurada, há uma corrida ao *Novo Mundo* para a conquista das novas almas, de seu tempo e de seu espaço. São as catequeses das doutrinas em guerra dos princípios da modernidade ficando-se no *Novo Mundo* para celebrar a glória de si mesmas na travessia do mar das Tormentas, diante de autóctones desalojados das matas e de seus deuses. E daí por diante, séculos afora, o *Novo Mundo* será povoado por vozes e murmúrios saídos desse choque original. E, no silêncio das palavras registradas na origem de tal encontro, perceberemos o borbulhar de uma outra cultura e um outro país. Tal legado é um signo e um arauto do que estaria por vir.

Ao narrar o espetáculo da missa ao rei, tencionado em difundir a fé católica, Caminha afirma-nos que os habitantes se comportavam como se devotos fossem, não faltando nada para serem cristãos por parecerem não abraçar

5 Tal é a tese desenvolvida por Max Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo* e tida por errada pelo historiador Fernando Braudel em *A dinâmica do capitalismo* (Rio de Janeiro: Rocco, 1987). Reporto para as p. 56-57 desse livro. Para o meu propósito, mantive a intuição de Max Weber.

6 *A Utopia*, de Thomas More, traça uma sociedade ideal em confronto com a Inglaterra dos carneiros “que devoram mesmo os homens e despovoam os campos” [...] In: *Os pensadores*. “Erasmus/Thomas More”. São Paulo: Abril Cultural, 1984. p. 178.

outras crenças. Palavras emblemáticas do ponto de vista do conquistador, prontas para legitimarem ulterior catequese e domínio do achamento. Avancemos um pouco no tempo e vejamos a missa descrita por Caminha, pintada por Vítor Meireles, com o título de *A primeira missa*, tela do século XIX. São revelados de forma bem categórica os lugares das coisas. O observador verá ao centro do quadro o altar com a cruz fincada em grande imponência e de forma majestática, dando a sensação de estar tocando o céu e ultrapassando, em perspectiva, o arvoredo que está pintado ao fundo. À direita do observador, os portugueses, em atitude devota e solene. Em primeiro plano, os índios como se estivessem entrando tela adentro com expressões de curiosidade e perplexidade. Ao fundo, à esquerda do observador, mais índios a sumir de vista e com gestos de saudação. Entre o altar e o primeiro plano veremos baús e, em cima deles, uma espada. É curioso que, no centro do olhar de um quadro cujo tema é religioso, encontremos espada e baús, objetos significativos de força e riqueza. À espada se pode acrescentar que ela não representa apenas o aparato militar, mas também o devido poder da Igreja, significado na empunhadura em forma de cruz. Força religiosa e secular simbolicamente se cruzam, formando uma unidade. A cruz posta no altar, no qual Frei Henrique celebra a missa, encabeça o quadro e o vértice de um triângulo, figura divina, mas a espada-cruz, inclinada, descendo com o terreno um ângulo, o qual envolve as arcas, fere o chão. A empunhadura, voltada para os portugueses, repousa sobre a tampa do baú aberto, enquanto a ponta da espada que toca o solo aponta para os nativos. Na interpretação do século XIX, encontraremos um testemunho. No diálogo entre a tela de Vítor Meireles e a carta de Pero Vaz de Caminha, é possível ouvir o murmúrio de vozes ininteligíveis do primeiro contato entre aquelas culturas na arena de 1500. A pintura de Meireles procura transparecer um encontro harmônico e pacífico, sugerindo uma convivência respeitosa e cordial entre ambas as partes. Vemos índios com gestos admirados e adequados à ocasião. A contradição entre a totalidade e as partes da cena revela a dessemelhança de propósito e a igualdade de objetivos entre o mundo religioso e o secular, entre a promessa utópica, imbuída pela idéia religiosa do paraíso, e a aventura ilimitada da conquista. Tanto na *Carta* de Caminha, quanto no quadro de Vítor Meireles, presenciamos a conquista do paraíso. Do mesmo modo que o universo religioso produziu, construiu e propalou a fé e o desejo de encontrar o Paraíso, o aparato religioso, mundano, acelerou seu processo de derrocada, ofuscando o brilho de tal empreendimento ao reverenciar a cidade dos homens. Na *Carta*, encontraremos a deslumbrante descrição da nova paisagem admirada pelos portugueses. O paralelo a fazer, e

se tem feito, entre o jardim bíblico e a nova terra reside exato na representação dos primórdios em sua exuberância natural, incluindo aí os Tupiniquim, descritos como se vivessem numa era da inocência, remetendo-os para o antes da Queda. O paradoxo notado, e isso corrobora o quadro de Meireles, é a descrição de um estado paradisíaco, portanto sem pecado e próximo a Deus, entremeado pela insistência da necessidade da fé religiosa, por definição pertencente ao homem impuro e pecaminoso. Tal paradoxo poderia conter uma blasfêmia, se estivessemos sob a total esfera dos valores religiosos, mas o que fica caracterizado é a corrosão do mundo sagrado e a assunção cada vez mais forte e poderosa do mundo e dos valores da modernidade. A conquista do paraíso pode ser um outro modo de dizer da afirmação do mundo da modernidade. A cruz vazia – símbolo do sacrifício de sangue vertido – está erguida em direção ao céu; a espada, derramadora de sangue, indica o chão. No alto, encontra-se a magnanimidade do invisível; no baixo, a eloqüência da lâmina. O ato solene sacramenta a apropriação da nova terra para el Rey, e tal deliberação a joga definitivamente para fora dos portais do Jardim e a coloca vertiginosamente no universo da modernidade dessacralizada.

O olhar paradisíaco, com a conquista se efetivando, iria sendo, se não abandonado, pelo menos adiado, obliterado. De possível paraíso, transforma-se em colônia voltada para os seus desmesurados recursos naturais.⁷ Com a grandiosidade da topografia, a Natureza da nova terra se verá revolvida entre o devaneio econômico e a ufanía, a qual se transformou num elemento icônico do imaginário da sociedade colonizada. Já na *Carta*, relato da descoberta, Ela é descrita por um narrador entre comedido e maravilhado. A Força da Natureza tem sua pujança marcada, por exemplo, no episódio em que as ondas abafam as vozes dos portugueses e dos nativos numa tentativa de entabularem comunicação. Inclui-se aí o trecho bem conhecido do “se plantando tudo dá”. O autor inicia a narração, tendo “Vossa Alteza” como destinatário e promete descrever a terra nova, eliminando os exageros tanto para mais como para menos; porém, semelhante projeto de narrador aqui e ali se vê comprometido pelas hipérboles que teimam em pontuar o texto. A procura de um olhar neutro fracassa exatamente onde a visão se compromete com a imaginação ainda impregnada de cenas edênicas. Homens, mulheres e hábitos

7 Na *Carta*, encontraremos os dois lados de abordagem da nova terra.

observados⁸ são descritos sob uma estupefação malcontida, revelando que o referido documento traz sob a capa da objetividade um grau latente de choque para homens de estados culturais diferentes. Uma economia de narração escamoteia um grau de conflito subjacente, pois, se os nativos ainda se encontravam no estágio adâmico, serem convertidos à fé cristã importaria antes caírem em pecado. O desfecho, encerrando com saudações e aconselhamento ao rei da prerrogativa de salvar as almas indígenas, indica a corrida religiosa e o olhar europeu de posse, conflito no qual a *Carta* não se movimenta, pois para o homem ocidental a propriedade é tão natural e adâmica quanto a nudez do índio.

Na narrativa de Caminha, personagens constituem-se, delimitam-se e tomam o seu lugar na História, na qual o clímax e o desfecho ainda perdurariam muito. A *Carta*, como podemos perceber, não é apenas um documento do *achamento* do Brasil, mas também a narrativa, tal como o *Gênesis* bíblico, de constituição de nossa cultura que atravessa o tempo, sendo fonte, inspiração e profecia de nossa herança cultural.⁹ Como já afirmou Walter Benjamin, todo documento de cultura é um documento de barbárie. Tal declaração é válida tanto para a *Bíblia* quanto para a *Carta*, e, se atentarmos bem, todo o Brasil até hoje, como num *aleph* borgiano, está contido nela.

BIBLIOGRAFIA

BRAUDEL, Fernando. *A dinâmica do capitalismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

CHATELET, François. *Uma história da razão*. Lisboa: Editorial Presença, 1993.

HOLLANDA, Sérgio B. de. *Visão do paraíso*. 4.ed. e 7.reimp. São Paulo: Brasiliense, 1998.

8 PEREIRA, Paulo Roberto. (Org.). Carta de Pero Vaz de Caminha. In: _____. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

9 PEREIRA, op. cit., nota 8.

PEREIRA, Paulo Roberto (Org.). Carta de Pero Vaz de Caminha. In: _____. *Os três únicos testemunhos do descobrimento do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

SOARES, Luiz Carlos. *Do novo mundo ao universo heliocêntrico*. São Paulo: Hucitec, 1999.

SZAMOSI, Géza. *Tempo e espaço*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.